



CORREIO EDITORIAL  
AUTORIZADO A CIRCULAR  
EM INVÓLUCRO FECHADO  
DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA  
VERIFICAÇÃO POSTAL  
DE00602013CE



# Gaiato

Quinzenário • 21 de Fevereiro de 2015 • Ano LXXI • N.º 1851 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

### O Mal e o bem

É Inverno. O frio e o cinzento do ar convidam ao silêncio. Silêncio contemplativo. Ao reparo interior das lutas vãs entre os homens, lá longe, em guerra. Aqui perto, outras lutas. Em todas o mesmo denominador comum: o mal.

Não deixaremos de viver sob esta influência.

Entretanto a dor marca a vida de quem se conduz com base noutro denominador: o bem. No resultado final da vida será este que aparecerá; do outro nunca mais se falará.

No correr da vida vamos sofrendo as consequências da acção do primeiro e alegrando-nos com a acção do segundo. Mal e bem, hoje reduzidos à indiferença por muitos, dela sai beneficiado e fortalecido o primeiro.

Estando Jesus na Cruz, a seus pés padeciam o discípulo amado e Sua Mãe Maria. A vitória do mal parecia consumada. No entanto, no silêncio doloroso mas contemplativo, aberto à esperança, Maria e João ansiavam pela irrupção do



desfecho final. Três dias depois, veriam confirmada a vitória definitiva da Verdade sobre a mentira, da esperança sobre a mesquinhez, do bem sobre o mal.

Nem todos tiveram a coragem de João e de Maria, de se exporem. Esses refugiaram-se no seu medo ou conveniência. Agradar a quem e porquê? Quando é preciso sofrer os efeitos do mal, o bem tem a última palavra.

O homem que vive centrado em si mesmo, nos seus conceitos, leis e critérios,

parece estar incólume a esta luta que se trava no mais íntimo da vida. Se eles forem de bondade, ainda assim irá pelo bem.

Mas nem sempre assim é. Quando tal, sub-repticiamente o mal vai ganhando terreno.

Ontem, como hoje, impõe-se a necessidade de ajuizar a vida com os critérios do bem para o desvelar do mal. A árvore que dá bons frutos não pode ser má! Nem a árvore que dá maus frutos pode ser boa! Pelos frutos se conhece a árvore. □

lado da progenitora. Não vamos estudando contextos socioeconómicos favoráveis. Pelo contrário, vamos comungando das dores de seres humanos frágeis, por carências de saúde, e fragilizados pela desarticulação familiar antecedente. *Eu sou eu e a minha circunstância*. Concluimos no terreno que o ambiente natural e familiar é fundamental no crescimento humano; se não, desenvolvem-se *robots* e até alunos desmotivados.

Sendo uma evidência histórica e científica, as conexões entre o desenvolvimento do embrião e do feto, a nível da saúde física, mental e afectiva, a pessoa humana não pode nem se deve alugar, para uma missão única: dar à luz um filho ou uma filha. Há quem queira brincar com algo demasiado sério, a pretexto de um pseudoprogresso. Dar à luz é um acontecimento único e intransmissível!

Espanta-nos a ligeireza das imagens de um biologismo evolucionista humano, quando afinal parece haver uma regressão de mentalidades sobre a vida humana. A questão das *barrigas de aluguer*, por exemplo nos EUA, é sinal de retrocesso social. As dores da maternidade não devem ser comercializáveis. A família natural não precisa de ser imposta, pois é um dado da Criação do ser humano, desde o princípio: Deus *o criou homem e mulher*, à Sua imagem.

Também hoje, Jesus vê uma grande multidão de pessoas, nomeadamente crianças pobres, sem o essencial para viver, cuja

## VISTAS DE DENTRO

Padre Júlio

### Calvário

O Calvário foi a minha porta de entrada na Obra da Rua. Quem entra em contacto com o Calvário jamais poderá reagir com atitudes de indiferença. Ou se é atraído e se começa a amá-lo ou se fica interiormente indignado e se lhe vira as costas.

Sendo as nossas Casas Santuários de Almas, como as dizia e sentia Pai Américo, o Calvário imprime nas almas que o conhecem, a presença do sagrado.

Talvez seja por isso mesmo que muitos o amam, mas também a razão que leva outros a persegui-lo e aos seus. Daqui a dor, indissociável da experiência intrínseca do Calvário.

Seria profanação olhar o Calvário com os olhos do mundo. E mais ainda, agir nele com as atitudes e os critérios do mundo. O Calvário está no mundo e existe para ser sal no mundo. Quer ser tratado como realização no mundo e para o mundo. Sendo sal, é diferente necessariamente da massa onde está misturado.

No Calvário tudo é verdade. Ele fala da verdade fundamental que constitui o homem: a sua fragilidade. Mas também daquela outra fundamental que o homem é chamado a fazer: a amar. Não podemos, todos, fugir a uma e a outra.

O mundo quer sempre manifestar força e poder; o Calvário mostra sempre a dependência e a fraqueza humanas.

De facto, o Calvário é diferente das outras realizações no mundo.

O Calvário há-de continuar a dizer-nos que somos pó e, simultaneamente, que pela capacidade de amar, que nos foi dada, não devemos deixar ninguém nos caminhos do abandono. Em família, aonde o homem regressa sempre, onde se encontra consigo e é para os outros. Por isso, no Calvário, todos têm algo a fazer pelos outros. □

vida é um tesouro impressionante! Para outra gente, é como que um adorno de narcisismo, querendo subverter ou tornar igual o que é diferente. No nosso tempo, o Mestre compadece-se de todos: sem recursos para criar os filhos; e enfiados ou enganados com ilusões e manipulações.

O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, veio à luz *nascido de mulher*, diz S. Paulo. São cruciais os primeiros momentos e anos de vida do ser humano, com o cordão umbilical para a mãe e a mão do pai. Por isso, para que não reine a confusão, também podemos lançar o nosso olhar para um rebanho ou para o céu azul e perceber que a vida humana vale muitíssimo mais do que todos os anhos e passarinhos! □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

### Por um anho

O Bubarcar, com sete anitos risonhos, a cada passo e saltitante, embirra a sério com os companheiros. Faz muito bem a este pequenote, e aos outros, comerem e conviverem juntos. É uma fratria de se lhe tirar o chapéu, pois são todos diferentes e iguais na sorte que os trouxe a este ninho, em fim de linha, na perspectiva de um dia regressarem aos seus parentes. Ao mínimo riso e careta, o rapazito embufa mesmo e empertiga-se até mais não. Por isso, apelidam-no de *carneiro*. Ora vejam lá isto! Porém, é só pelo jeito dele. E não só, porque o miúdo gosta mesmo de ir ajudar a tratar os animais nos seus currais.

O Divino ficou a pôr a mesa, depois do primeiro almoço, com o Erikson e o Anelca. Neste despertar de dia soalheiro, este marotito deixou o *Bino* em lágrimas, porque o arranhou, enquanto ele contava a louça e os talheres. A matemática também se aprende na família, em casa com os pais e os irmãos, mesmo que não sejam de sangue. Na ordem criada, o Pai celeste fez bem as contas e todo o ser humano tem lugar no mundo. O *Ventoinhas*, gaguejando, atarefava-se logo a medir a altura (sim!) dos talheres e a ver quais eram aqueles que devia pôr na sua mesa, que é a principal. Outro miúdo

não pode deixar de ir logo ao bacio, porque não teve essa rotina quando era pequenino. Vastas vezes, temos pisado o chão agreste de um bairro de celeumas; desta feita, por um pequenito, que queremos que continue ligado à sua mãe, com debilidade familiar.

Neste âmbito tão tenro e importante da sociedade e da vida humana, surpreendemo-nos quando se põem em contraponto os cuidados prestados nas creches e os cuidados dos pais. Será que interessam só os resultados escolares? O desenvolvimento do cérebro humano, nos primeiros anos de vida, é crucial e dependente das relações que estabelece a criança, nomeadamente com a mãe. Daí a importância dos cuidados e dos laços afectivos com aqueles que estão confiados, nomeadamente os filhos e as filhas. A ligação afectiva e emocional entre a criança e o cuidador é, pois, uma trave mestra do neurodesenvolvimento pediátrico.

Andávamos às voltas com aqueles simples cuidados parentais, melhor, paternos e maternos, no arranque de um dia de céu azul, quando o dito garotito regressou do redil das ovelhas bem disposto e prazenteiro e sem pressa de ir para a Escola, que se foi massificando. Afinal, a razão é simples: uma ovelhita, recém-nascida, mesmo linda, é a sua alegria matinal! Já salta, pastando numa cerca verdejante, ao

# Pelas CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

«BATATINHAS» — Os nossos «Batatinhas» e alguns dos Rapazes crescidos andaram de bicicleta no fim-de-semana. Depois foram jogar futebol. O Manelinho fez o seu aniversário que todos festejamos, e foi também festejar com os outros «Batatinhas» a casa de um colega que fez anos no mesmo dia. Foi um bom fim-de-semana.

ÁRVORES — Um grupo da Associação Florestal veio podar algumas árvores da nossa Aldeia e fazer uma limpeza à nossa mata. Os

Rapazes apanharam lenhas finas e os cavacos para guardar e usarmos mais tarde nas nossas lareiras. Fica assim a nossa Casa mais bonita e mais arranjada.

VISITAS — Veio visitar-nos um grupo de jovens da Paróquia de Fervedo e trazer-nos suas ofertas. Quiseram conhecer melhor a nossa Obra e por isso fui apresentar-lhes as casas, o parque, a nossa piscina e a vacaria. Mostrei também o galinheiro do pomar. Conversamos também sobre várias coisas. Dois

dos jovens quiseram ficar assinantes do nosso Jornal O GAIATO.

MUSEU — Estamos a arranjar o telhado das nossas antigas Escolas, onde iremos fazer o Memorial do nosso Pai Américo. Queremos que as pessoas que mais tarde vierem visitá-lo se sintam bem e ainda mais amigas do Pai Américo e da nossa Obra. Contamos com os nossos Amigos que tenham algum objecto ligado ao Pai Américo e à nossa Obra, que nos cedam para expor no Memorial. □

## MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

ARRANJOS — As máquinas de lavar, grande e pequena, foram consertadas rapidamente, pois são indispensáveis todos os dias, já que o volume de roupa é muito. No quarto de banho da nossa Escola/Centro de estudo, houve avarias que foram arranjadas.

EXPOSIÇÃO 75 ANOS — Numa sala para o átrio da nossa Escola, manteve-se aberta uma exposição de livros, documentos e fotos da nossa Casa, da Obra da Rua e de Pai Américo, comemorativa das Bodas de Diamante e que os nossos amigos têm visitado, conhecendo assim melhor a nossa longa história de vida!

VIAGEM A ITÁLIA — De 11 a 16 de Fevereiro, três Rapazes (Divino, Rocha e Diogo Silva) tiveram a sorte de viajar até Itália (Milão e Turim), num intercâmbio cultural entre crianças institucionalizadas de vários Países europeus. Com a documentação em ordem, devidamente autorizados e acom-



panhados pelo Prof. Paulo, foi uma boa e inesperada oportunidade de ir a esse lindo País!

AGROPECUÁRIA — Como é natural, o frio tem sido muito e de manhãzinha vêem-se camadas de geada branquinha nos campos e telhados da nossa Casa e em redor. Continuaram-se a podar as árvores de fruto do nosso pomar, atrás da nossa Escola e no nosso quintal da Tia Adelina, e também as roseiras,

cujas lenhas da poda foi apanhada. Da lenha seca que temos bem guardada no barraco, vamos levando para a sala de TV e acendendo a nossa lareira. As alfaias agrícolas (charrua e fresa) foram arranjadas. Não foi possível continuar a sementeira da aveia, no olival dos poços, porque o tractor atolou-se. Logo que possível iremos continuar essa tarefa nesse e noutros terrenos. Limpam-se as bordas da terra do gaiato, perto da estrumeira. □



## DOCTRINA

Pai Américo

*Ama os teus inimigos;  
faze bem aos que te querem mal.*

Do Evangelho

PREGUEI a mensagem de Jesus no passado domingo, no histórico púlpito de Santa Cruz, a um piedoso auditório: «Dou-vos um novo Mandamento: amai-vos uns aos outros, assim como Eu vos amei». Preguei, apaixonado eu mesmo por estas palavras do Mestre e com desejo estuante de que os mais se apaixonem também.

O primeiro Mandamento era conhecido dos contemporâneos de Jesus e ensinado nas sinagogas pelos mestres da Lei. O amar a Deus sobre todas as coisas andava na boca de toda a gente, sim; mas os homens, não.

Havia classes e seitas. Havia gregos e romanos. Havia os limpos e os impuros, os publicanos e os fariseus — e havia ódio aos inimigos. *Ego, antem,*

*dico vobis... Dantes, ensinava-se assim... «Eu, porém, agora ensino...»*

É uma voz nova que se ouve no mundo; um novo ensinar cheio de autoridade e compreensão, Mandamento novo — o *Meu Mandamento* — a mensagem de Jesus aos homens de boa vontade.

SENHOR, a Vossa mensagem escrita naquele tempo com o sangue da Cruz, é hoje praticamente ignorada!

ELE não falta quem diga amar a Deus; é muito cómodo e muito barato. Porém, quando chega a ocasião de amar o nosso semelhante, pergunta-se e quer-se saber primeiro quem ele é, como fizeram outrora os

da parábola do Samaritano; e sem se importar com a lição do Evangelho, cada um sai a cuidar de si, dos seus negócios, da sua casa, dos seus berloques — deixando ficar na estrada, caídos, os Irmãos estropiados!

ESTA doutrina é formidável quando ensinada por homens apaixonados que amam, até ao sacrifício, aqueles mesmos para quem pedem clemência e amor.

A mensagem foi religiosamente escutada. Nunca, desde que peço esmola para os Pobres no púlpito de Santa Cruz — nunca me deram tanto dinheiro como agora.

SENHOR do Evangelho, Rei Imortal dos Séculos, escolhei, chamai apóstolos desprendidos e mandai-os pelo mundo fora ensinar aos homens o Vosso Mandamento.

A vida do Pobre, difícil em todos os tempos, neste que atravessamos atinge proporções de calamidade.

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

ACTIVIDADES — A sede da Associação continua de portas abertas, aos fins-de-semana para todos os que nos queiram fazer uma visita. Não temos muito para oferecer, mas um café sempre se arranja. Ficamos a aguardar a vossa visita. Aos Sábados à noite, temos sempre o ensaio geral da nossa Tuna musical pois queremos estar bem afinados nas nossas actuações. Quem quiser ter aulas de pintura, o nosso mestre Pontes está sempre ao dispôr.

CANTAR AS JANEIRAS — O nosso grupo musical, agora denominado “Tuna da Associação”, depois de ter animado o nosso jantar de Natal, vem actuando com alguma regularidade. Numa das últimas, foi convidada a ir à Câmara Municipal de Penafiel, desejar um ano cheio de muitas realizações, especialmente, ajudando na área social do nosso concelho, aposta que se espera dê bons frutos, pois toda a ajuda é sempre pouca, especialmente nestes tempos de austeridade, para tantos municípios carenciados.

PASSEIO — Estamos a organizar o passeio anual para todos os associados e familiares. Ainda não foi escolhido o próximo local a visitar, por isso aceitam-se sugestões, embora esteja já marcado o dia, no primeiro domingo de Maio.

Maurício Mendes



PASSAMENTOS — Foi um óbito inesperada. Em 26 de Janeiro um neto da Obra da Rua, Paulo Jorge Augusto. Filho de um Antigo Gaiato de Malanje, um dos “fundadores” daquela Casa do Gaiato, Domingos Augusto, conhecido pelo Cupa, e da Maria Irene, que trabalha nesta Casa do Gaiato de Paço de Sousa há já alguns anos.

Paulo Jorge nasceu com graves problemas de saúde. Desde sempre dependeu totalmente dos pais.

Familiares, amigos e antigos gaiatos estiveram presentes na Eucaristia dirigida pelo nosso Padre Júlio e o pároco da freguesia, Padre Sousa Alves. — Que Pai Américo o acolha junto de si e descanse em Paz.

Outro óbito, também duma neta, Sandra Cristina, em 18 de Janeiro, vítima de doença prolongada, filha da Fernanda Moreira e do nosso, já falecido, Manuel de Sá (Coradinho).

A Fernanda tem sofrido muito, precisa do apoio dos familiares e amigos nesta hora tão difícil, o nosso pesar à família.

Jorge Alvor



Além de muitos lares desfeitos onde queimo as horas do dia, outros começam a desmornar-se por causa de bens mal guardados ou mal distribuídos.

NÃO são para contar aqui as lições de resignação que ouvimos dentro dos pardieiros com olhos de lágrimas; nem tampouco medir a fundura das palavras e dos queixumes dos nossos visitados. Não são para contar, que a dor deve ser respeitada; mas são para sentir e atizar o zelo de quem os visita.

OH, não queiras ser tu insensato, trocando pelo amor a Deus o amor que deves ao teu semelhante! Nem tomes por injúria o nome que os Apóstolos da Ressurreição chamam aos que assim fazem; pois muito bem pode acontecer que tu tenhas o mesmo nome e sejas um mentiroso quando bates no teu peito e dizes que amas muito a Deus sem queres saber dos que batem à tua porta por necessidade.

OLHA para as feridas dos teus Irmãos e medita, que talvez elas hajam sido feitas justamente por via desse teu amor a Deus; e daí vem a mentira que tu és.

A MANHÃ, à mesma hora de domingo, vem-me ver no púlpito do Colégio Novo, se fizeres gosto nisso, a continuar a revolução pacífica do Mandamento novo — tão velho como desconhecido. Não sei se me terei que não pregue ali ou em qualquer das igrejas que ainda me faltam, o desabafo do Paciente do tugúrio — «por causa dessa gente, Padre, passamos aqui tanta fome!»

Alguma dessa gente aparece nas igrejas, enfeitada, às Missas do alto dia, a bater no peito e a dizer que ama — amaldiçoados do Pobre! Melhor fora nunca entrar nas igrejas nem ouvir falar de Deus!

Mais sobriedade. Mais respeito. Mais valor.

in *Pão dos Pobres*. 1.º vol, pp 124-127.

## SETÚBAL

Padre Acílio

## Bom

CHEGAVA à noite a Casa, à hora do jantar, moidinho da viagem, e não só.

Passei pela cozinha, a dar as boas-noites, a saborear o calor do fogão — a noite estava gelada — bem como o cheiro da comida.

A sala de refeições é contígua e regurgitava de boa disposição.

Mal me viram, os olhos dos rapazes fixaram-se em mim e logo o Seidi, que estava sentado na primeira mesa, me atirou:

— *Olhe que tive um Bom.*

— *Mostra lá!*

O rapaz dá um jeito à cadeira e arranca debaixo do assento o teste corrigido e assinado pela professora.

Foi uma alegria enorme que me inundou a alma, aliviando-me a tristeza daquela tarde.

Seidi vive uma pré-adolescência bastante precoce, como há tempos aqui frisei, donde o facto de ter provocado problemas nas aulas, queixas dos professores repetidas, chamando-lhe à atenção, bem como repreensões e castigos.

A mãe morreu-lhe o ano passado e o pai pediu-me que não revelasse ao menino.

Passou-se tanto tempo. O pai está na Alemanha e pareceu-me que a criança devia saber o que se passava com a sua mãe. Calmamente, chamei-o ao escritório, e com todo o jeito, fui-lhe dizendo:

— *Olha que a tua mãe faleceu.*

O adolescente olhou-me, chocou-se, mas não disse nada.

Era Domingo e a Senhora encontrou-o a chorar.

— *Porque choras?*

— *É que a minha mãe morreu.*

E tentando consolá-lo, com o carinho maternal que nela é sempre abundante e expressivo, veio depois ralar comigo:

— *Também? Dizer ao menino uma coisa destas!...*

Que havia eu de fazer?

À noite, no fim do Terço, na Capela, onde ao Domingo fazemos esta oração, dei a notícia a todos os rapazes, pedindo-lhes que rezássemos por alma da mãe do Seidi, como eu já fazia há muito tempo.

Logo, em coro e comunhão com a dor dele, rezámos um Pai Nosso e uma Avé-Maria.

— *Olha que a tua mãe está no Céu! Em Deus ela vê o teu comportamento.*

Tudo dito com verdade e convicção.

O Bom no teste do Seidi, e o abraço que

espontaneamente me deu, também me confortou daquela viagem terrível.

— *E agora vou ter só Bons* —, disse, olhando-me ternamente.

Espero que sim e darei notícia aos nossos Leitores.

## Estudo

É a actividade dos rapazes que nos merece mais atenção.

Desde os tempos originais nas Casas do Gaiato, a escola ocupou o primeiro lugar.

Hoje o ambiente escolar, nem sempre favorece o empenho dos jovens na aprendizagem e no gosto pela Ciência.

Sabemos isso, não só pelas comunicações de alguns directores de turma como pela boca dos nossos rapazes. Até nos graus superiores do ensino, há uma boa parte de alunos completamente desmotivados:

— *Ando aqui só para ter um curso. O*

*resto não me interessa.* — Confessava-me um dos meus, acerca dos colegas.

O hábito de estudar é uma virtude que se adquire, como todas, com a repetição dos mesmos actos.

Aprender a estudar e o gosto de o fazer é um dos nossos maiores cuidados a dar aos rapazes. Felizmente são muitos os que nesta casa, ao longo do tempo, têm conseguido acabar cursos superiores com resultados positivos para eles e para nós. Nesta altura, são sete os que frequentam universidades e institutos politécnicos. São rapazes já com maturidade para entenderem os benefícios pessoais de uma formação académica, elementos de enriquecimento cultural da comunidade que é esta casa e exemplo vivo para os mais novos.

Todos os fins-de-semana, Sábados e Domingos, a sala de jantar se transforma em sala de estudo, das 17 às 19 horas, por ser grande, aconchegada e de fácil vigilância. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

Não hei-de ter, por certo, a censura do Evangelho, como o outro que nesciamente começou a edificar sem poder concluir. Não hei-de, que em uma Obra que é de todos, mais culpas tem quem pode e não quer ajudar, do que o obreiro que, sozinho, lançou os fundamentos.

in *Pão dos Pobres*, vol. 3, p 61

## VINDE VER!

Padre Quim

## Desafio do coração

COMEÇOU o ano lectivo, com muitas incertezas sobre a continuidade de alguns rapazes, por não reunirem as condições exigidas pelos institutos aonde se inscreveram para serem matriculados. São elas: médias aceitáveis e idade correspondente à classe a frequentar. E se estudar é um desafio só por si mesmo, quanto mais não o será para quem a vadiagem foi sempre a sua guia.

Vejo a nossa Escola cheia de crianças e penso em tantas outras que não tiveram quem as conduziu até ela.

Os nossos pequenos, até à 6ª classe, estão a dois passos das salas de aulas, e parece uma coisa

automática para chegarem lá. Mas não o é! É, antes, a vontade de aprender o que se desconhece que move a locomotiva e motiva a curiosidade.

A meninice é uma fase linda da vida! E são estes pequenos mestres que me dão esta saborosa lição: «Educar é coisa do coração». E por ser tão verdade assim, ninguém pode lançar-se a esta nobre aventura sem, antes, avaliar se tem coragem e capacidade para descer, comunicar e fazer-se compreender, para elevar a tão alto grau aqueles que lhe foram confiados.

Não basta a excelente preparação do educador, é, acima de tudo, necessário muito amor,

para transformar a cana verde em fruto precioso.

A rua é como um campo imenso de canas verdes, movidas por onde quer que as direcione o vento.

A Casa do Gaiato, vocacionada a transformar o “Lixo da Rua” — denominação dada ao garoto abandonado — em pérolas preciosas, torna esses ventos favoráveis à educação da criança.

Nem todas têm a sorte de vir para a nossa Casa. Nem ela tem capacidade para acolher todos os que andam nas ruas, atirados aos desatinos e dissabores da tenra idade.

Já quase se perdeu a conta de quantos pedidos nos têm sido fei-

das nossas debilidades, sejam, físicas, psíquicas ou morais: «nenhum de nós é uma ilha». Foi essa a atitude de Jesus para com toda a espécie de sofrendores: «Levanta-te!» Toda a actuação da Igreja deve tender de forma qualitativa e modelar, na caridade, para este «patamar...».

O papa Francisco, não se cansa de o apontar e de forma normativa, através da mensagem que envia a toda a Igreja por esta ocasião.

Quanto bem não nos faz escutar, em todas as idades e circunstâncias da vida, uma palavra de conforto, de ânimo, consubstanciando tantas outras que se escondem no coração de Jesus e que temos por missão passar uns aos outros de forma terapêutica evangélica?! □

## DIA MUNDIAL DO DOENTE

Padre João

INSTITUÍDO pelo saudoso Papa S. João Paulo II, a celebração deste Dia, constitui sempre uma chamada de atenção para a contingência da vida humana à face da terra, por um lado, e, por outro, para a protecção que lhe é devida como direito humano inalienável, em todas as fases desde o nascimento até à morte natural.

As constatações do sábio Job, pertinentes, algumas até mordazes e escandalosas, quase a tocar o “sem-sentido” da vida humana, como as que ouvimos na liturgia do Domingo passado, perpassam a nossa história pessoal e comunitária de forma contundente.

Diante do sofrimento de um ente querido ou perante um diagnóstico inesperado, quão pequeninos e apertados nos sentimos...

Quantos retornos à nossa verdade pessoal e histórica; quanta mudança de vida e de perspectivas a cerca dela? — Um caminho de conversão, definitivamente não adiada, para muitos.

O sofrimento, o mais inexplicável, converte-se em “escola de vida”, como é costume dizer-se, quando acompanhado, oportunamente, pela técnica e sobretudo pela riqueza de presenças pessoais significativas: os familiares mais próximos, os amigos, os profissionais de saúde — não raro conduzem-nos «à sabedoria do coração» chegando até ao encontro com o «Invisível», numa abertura humilde e surpreendente: «Ensinai-nos Senhor a contar os nossos dias...».

Precisamos sempre de alguém que nos pegue pela mão, no meio

to para acolher mais, e cada vez mais, crianças que se encontram em situações precárias. E outras a quem não falta pão, mas falta a família. Eis a denúncia feita pelos próprios pais, quando já não podem com elas e desejam o auxílio metódico de um internato para as disciplinar.

Nós somos a família que ama as misérias trazidas pelos filhos de quem a sociedade se envergonha, para restituir a dignidade perdida.

Do escritório, onde me encontro a escrever esta linha, sinto o rolar dos pneus da carrinha, desta vez não era a nossa, eram as irmãs do Abrigo dos pequeninos. Vêm trazer um novo filho à nossa família. Alguém lá de fora interrompe:

— *Olhe que tem visita.* — E, ao sair, vejo três Irmãs e o pequenino a chorar.

— *Qual é o teu nome?* —, perguntei. E não me sabia dizer. Chorava, chorava e chorava...

Nisto uma voz o auxilia: — *O seu nome é «Zeca».* — E chorava ainda mais.

Pedi o historial do menino: Diz que tem cinco anos, e que tinha sido encontrado na rua por uma senhora, que de seguida o levou ao soba e, este, como autoridade tradicional, levou o menino às irmãs do Abrigo, e estas à Casa

do Gaiato, para ser a família onde há-de crescer e ser um homem digno para a sociedade.

De momento o menino não pronuncia nenhuma palavra, é o nosso novo hóspede nestes primeiros três dias e, depois, será o príncipe da Casa, deleitando-se no colo dos irmãos mais velhos. É assim na nossa família.

Quando se fez soar a campanha da escola, veio o «Cassinda», do intervalo, espreitar e inteirar-se do que estava a suceder em sua Casa. Tem um novo irmão, é necessário acolhê-lo e confortá-lo das saudades da rua. E foram brincar os dois. E não houve mais lágrimas nesta manhã.

São os filhos que outrora tinham sido acolhidos que hoje recebem com carinho os que chegam da rua. Embora o façam de forma ainda inconsciente, este gesto demonstra bem o pensamento de Pai Américo: são os Rapazes os futuros continuadores da Obra. Não tenho dúvidas desta sentença. Porque o ser da Obra transmite-se de uns para outros por aqueles que tiveram a experiência de vida familiar no seio da nossa Casa.

E vale nesta ocasião o seguinte argumento: — *Dá de graça o que de graça recebeste. A generosidade brota do coração agradecido, como a semente da terra fértil.* □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt  
obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

## BENGUELA

Padre Manuel António

## Não nos cansemos de fazer o bem



É um princípio maravilhoso para orientarmos as nossas vidas. Se não desfalecermos, colheremos os frutos no tempo oportuno. Por isso, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas principalmente para com os irmãos mais pobres, mais necessitados. Batem-nos à porta, todos os dias. Nesta fase da nossa vida, os pedidos de acolhimento de filhos abandonados, ou com necessidades específicas, aumentam consideravelmente. Procuramos fazer tudo o que podemos.

É o início do ano civil e do ano lectivo. O número de crianças necessitadas de apoio é impressionante. A causa principal está no seu abandono da parte dos pais. É muito triste! Por este caminho, teremos uma sociedade desequilibrada. A propósito, encontrei-me, há momentos, com um grupo de jovens escuteiros que vieram passar alguns dias, em nossa Casa. Na hora da despedida comuniquei-lhes esta mensagem inquietante que estou a escrever-vos. Compreenderam, aceitaram e vão fazer tudo o que for possível de bom.

Com a entrada dalguns filhos novos para a nossa família, a Casa do Gaiato é a Casa de Família dos filhos abandonados, outros deram os seus lugares. Dois deles foram frequentar a universidade Jean Piaget, depois de terem

terminado o curso médio. Vieram pequeninos. Cresceram e enriqueceram-se humanamente. Neste momento, com mais de vinte anos, aproveitaram uma bolsa de estudos da universidade e foram viver para casa dum familiar que, entretanto, apareceu com possibilidades de os acolher. Maravilha! Deste modo, continuam a seguir o caminho da sua realização pessoal e dão lugar a outros necessitados. Quem nos dera surgissem outras oportunidades para a colocação dos mais velhos, de modo a entrarem na sua autonomia com dignidade, mediante um emprego. Há dias, fizemos esta tentativa numa empresa, cujos responsáveis manifestaram muito interesse em ajudar a nossa Casa do Gaiato, por este caminho. Aguardamos, com redobrada esperança, o bom resultado desta iniciativa. Não há dúvida de que há muitos candidatos na sociedade a um emprego. Contudo, estes filhos vieram do abandono, sem culpa deles. Por isso, a prioridade em os servir não é injustiça. Vamos continuar a lutar, de braço dado com a vida, sem desanimar, alimentados pela Esperança.

Estamos no início do ano lectivo. Temos sentido dificuldades na matrícula dalguns rapazes no ensino secundário, por causa da idade avançada, para além do que normalmente é permitido pela lei.

Alguns vieram mais tarde para a Casa do Gaiato. Outros, porém, estão nesta situação, porque não foram honestos no aproveitamento do ano lectivo ou reprovaram nos anos passados ou têm notas muito baixas, por falta do bom aproveitamento do tempo de estudo. Partilho convosco estes problemas que também podem acontecer com os vossos filhos. O serviço educativo pede muito amor, traduzido em perseverança e paciência. Deste modo, sentimo-nos mais unidos e mais identificados com a vida da nossa Casa do Gaiato. As aflições de ordem económico financeira são acompanhadas pelas aflições doutra ordem. Há dias, um grupo de visitantes, admirados com o que viam, perguntaram-me como foi possível a vivência da Casa do Gaiato, até este momento. O Amor, a Caridade, é a raiz por onde circula a vida da Casa do Gaiato. Vivemos das esmolas que nos dão. São tanto mais fecundas, na medida em que são partilhadas com os mais pobres. Assim aconteceu, há dias. Uma filha do bairro veio, muito aflita, pedir camas, porque estavam a dormir no chão. Fui ver. A casa era uma barraca, a caminho duma habitação muito humilde. Da doação que nos fizeram dalgumas camas partilhámos com aquela mãe e os filhos. Assim acontece com o que somos e temos. Cada um recolhe o que tiver semeado. Quem semeia no Amor recolhe a fecundidade do Amor. O coração de cada um de vós será tanto mais feliz quanto mais generoso for! A experiência é o argumento definitivo desta verdade. Não é uma afirmação vazia. Quantos corações generosos dão testemunho da alegria das suas vidas, na medida da sua abertura ao amor fraterno, sobretudo dos mais pobres!

Por estes dias, vai entrar um menino de 6 anos em nossa Casa do Gaiato. É um tesouro que traz consigo a abundância da vossa generosidade. Quem dera seja acolhido também no coração de cada um de vós que acompanhai esta notícia! □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Património de hoje é triste. Quem o pôs nesta disposição foi uma mulher abandonada pelo marido, com cinco filhos em sua casa, muito pobre, mas com dignidade. Veio ontem contar-me, entre lágrimas e dores, a sua profunda mágoa.

Os filhos dela são muito mais que os seus olhos.

Há muitos anos que a ajudamos e ela tornou-se nossa amiga. Merece-nos estima e confiança.

Aqui há anos, trouxe consigo, uma rapariga muito magrinha, pele e osso, com dezoito anos, carregando uma história de arrepiar.

A mãe dela, fora prostituta e abandonou-a. Nunca fez a quarta-classe. Andou na escola, mas a progenitora tirou-a. Aos catorze, juntou-se com um homem de vinte e oito anos, e após três, ele trocou-a por outra, fazendo dela criada da casa e obrigando-a a todo o serviço, sob ameaças de morte.

Vivia sob um terror e uma opressão fácil de imaginar!

Foi esta mãe de família que me contou tudo, e ela, na sua presença, timidamente confirmava.

Como libertar esta pobre jovem? Sim?... Como?

Propus à heróica mãe, que a adoptasse na sua casa, como sua filha. Que a pusesse na escola para lhe dar o mínimo de conhecimentos. Tudo o Património dos Pobres suportaria. Mais, a ela, dar-lhe-ia 100 euros mensalmente para pagar as despesas da casa e à menina 10, para os seus alfinetes. Acordámos tudo e ficou claro.

Todos os meses vinham ter connosco e, com um avio cuidado, levavam o dinheirinho.

Entretanto, foram ameaçadas: Um negro, com um facalhão, entrou em casa delas para lhes extorquir 700 euros, de uma dívida, que o antigo companheiro da rapariga contraíra em nome dela, intimidando-as de morte.

Apareceram-me então, muito assustadas a pedir-me se as ajudaria. Aconselhei-as a apresentar queixa na Polícia, mas, com mais medo ainda das represálias, não o fizeram. Regressaram de novo, propondo-me um empréstimo de 700 euros, a descontar nos meses seguintes.

Esmagado pela opressão em que as pobres viviam, cedi, emprestando-lhe a quantia. Passaram-se os meses e as coisas voltaram ao normal.

No fim do Verão passado, a pequena caiu e quebrou um braço. Mais ajudas e mais sofrimento. Entretanto, a rapariga acabou o Curso de Formação Profissional, e eu fui-lhes dizendo que não poderia contar com o apoio. Era preciso arranjar trabalho, mas não lhes cortei o auxílio.

Ontem, a mãe de família surgiu-me desolada: — *Queria consigo uma palavrinha em particular* —, pois fazia-se acompanhar de uma mulher também com problemas.

— *Então? O que se passa?* — E ela relatou:

— *A rapariga saiu de minha casa. Um das colegas desafiaram-na a ir trabalhar para o Algarve, e ela foi, com elas, dia 19 de Janeiro.*

*Ficou de telefonar e, até hoje, não disse nada. Não sei nada dela! Nada! Nem onde está, nem se arranjou trabalho, nem como vive! Nada!... Não sei nada!...*

*Se ela quisesse voltar, eu tornaria a abrir-lhe a porta da minha casa, e dos meus filhos!*

— *Que se passa?*

— *Não sei. Sinto uma amargura inexplicável.*

Que havia eu de lhe dizer?

Impressionado, desiludido, comecei logo a discorrer sobre qualquer armadilha que lhe teriam organizado para a apanhar, dada a sua imaturidade e ignorância.

Para o Algarve, trabalhar, nesta altura do ano? Fazer o que?

«Ficou de me dizer alguma coisa e até hoje não disse nada!...».

Que colegas eram essas?! Fala-se hoje tanto em tráfego humano, e ela é tão fácil de cair em qualquer embuste e ser negociada!

Estas redes, gozam de tentáculos em toda a parte, apanham sobretudo as pessoas mais simples, mais desprotegidas e mais confiantes, cativando-as com promessas paradisíacas.

E lá foi aquela desgraçada para a escravatura moderna, hoje disfarçada em tantos títulos, tornando-a legal só porque a hipocrisia domina e as vítimas são de maioridade.

Não dou por mal empregue todo o esforço dispendido, nem deixo de exaltar o carinho heróico desta pobre mãe de cinco filhos, que sem poder, deu a mão à desdita moça. **Pois todo o Bem dará fruto a seu tempo.**

Mas, grito, com toda a energia da minha alma, contra os exploradores destas vítimas e a instalação de que se rodeiam as forças que os deviam combater.

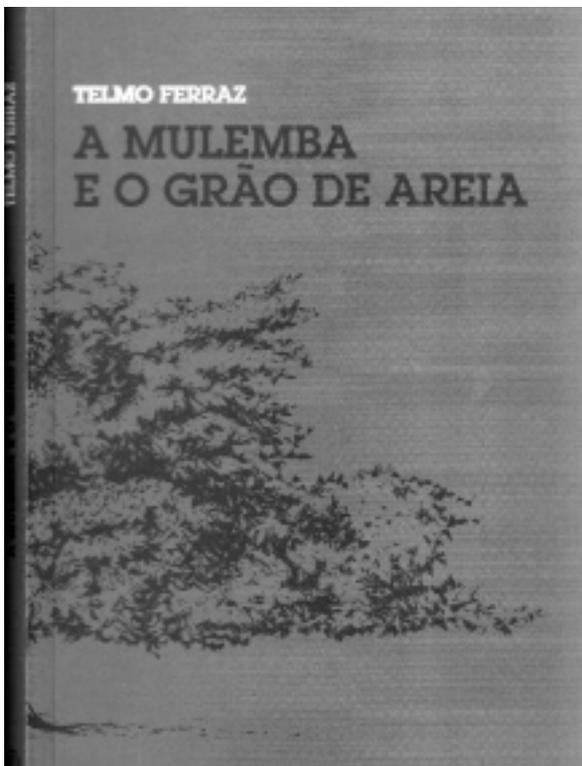
O Papa Francisco já levantou o mesmo grito, a favor de milhões de pessoas, em todo o mundo, apanhadas por estes comerciantes. Mas, a situação portuguesa, é neste momento bastante propícia pela falta de perspectivas de trabalho, para as pessoas mais debilitadas, facilitando o seu negócio.

A preparação humana e espiritual, é a melhor âncora para segurar o barco, nestas terríveis tempestades humanas.

Mais vale prevenir que remediar. A repressão legal tem muito pouco efeito. □

## A MULEMBA E O GRÃO DE AREIA

Júlio Fernandes



Aproveita-nos Padre Telmo com mais um rasgo da sua saborosa (e já famosa) pena. *A Mulemba e o Grão de Areia*, que agora divulgamos, é, na linha a que há muitos anos nos habituou, um livro de “orações” feitas no desvão de uma vida recheada de dádivas ao Outro.

Não nos merece grande defesa este novo livro de Padre Telmo, ele defende-se a si mesmo, e a nós também, nesta linha de que Victor Hugo, já em 1862, nos faz nota: «*Enquanto existir nas leis e nos costumes uma organização social que cria infernos artificiais no seio da civilização, juntando ao destino, divino por natureza, um fatalismo que provém dos homens; enquanto não forem resolvidos os problemas fundamentais da degradação do homem...; enquanto, em certas classes, continuar a asfixia social ou, por outras palavras e sob um ponto de vista mais claro, enquanto houver no mundo ignorância e miséria, não serão de todo inúteis os livros desta natureza.*» Dito daquele, dito deste!

Aos Amigos que no-lo queiram encomendar, ficam os nossos contactos: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa. Telefone: 255 752 285. E-mail: obradarua@iol.pt. □